

DINO PRETI E OS PRESSUPOSTOS PARA UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA EM TEXTOS LITERÁRIOS

Keila Vasconcelos Menezes (UFS)

keilamenezes95@hotmail.com

Raquel Meister Ko Freitag (UFS)

rkofreitag@uol.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo caracterizar a representação da variação linguística em textos literários. Tomamos como base o trabalho de Preti (1987; 1999; 2004), cujos pressupostos acerca da representação da língua oral em textos escritos constituem base indispensável a estudos que tomam como corpora obras literárias. O autor é pioneiro ao analisar as variantes do Português do Brasil em textos literários de escritos que compreendem de Joaquim Manuel de Macedo, no romantismo, a Alcântara Machado, no modernismo, observando as escolhas estilísticas realizadas pelos escritores e como mobilizaram os recursos linguísticos de modo a representar a língua falada nos diálogos das obras. A caracterização realizada releva a importância da análise sociolinguística em textos literários, contribui e incentiva pesquisas que consideram o texto literário como corpus de estudos sociolinguísticos.

Palavras-chave:

Sociolinguística. Dino Preti. Texto literário.

ABSTRACT

This article aims to characterize the representation of linguistic variation in literary texts. We base ourselves on the work of Preti (1987; 1999; 2004), whose assumptions about the representation of oral language in written texts constitute an indispensable basis for studies that take literary works as corpora. The author is a pioneer in analyzing the variants of Brazilian Portuguese in literary texts from writings that range from Joaquim Manuel de Macedo, in romanticism, to Alcântara Machado, in modernism, observing the stylistic choices made by the authors and how they mobilized linguistic resources, in order to represent the language spoken in the dialogues of the works. The characterization carried out highlights the importance of sociolinguistic analysis in literary texts, and contributes to and encourages research that considers the literary text as a corpus of sociolinguistic studies.

Keywords:

Sociolinguistics. Dino Preti. Literary work.

1. Introdução

Os estudos sociolinguísticos, desde os seus primeiros momentos, têm buscado explorar questões relacionadas aos diferentes modos de falar, bem como entender como algumas variantes (e os grupos sociais que

as utilizam) são prestigiadas e outras estigmatizadas. Entre as variantes estigmatizadas, enquadram-se aquelas associadas aos falares oriundos de comunidades rurais, interioranas, que se distanciam das variantes usadas na grande mídia e no meio escolar¹⁹. A Sociolinguística, em suas fases iniciais, enquanto campo de estudo autônomo e independente, direcionou sua investigação ao corpus linguístico oral, embora haja estudos, mais recentes, que consideram a literatura como fonte de dados, analisando, nos traços linguísticos variáveis presentes no diálogo literário, como a manipulação das marcas linguísticas, por parte dos escritores, se constitui como ferramenta de construção e representação de grupos sociais.

No entanto, tais estudos são ainda incipientes, embora necessários, uma vez que na relação entre língua e literatura, o texto literário contribui para que os diferentes falares possam ser respaldados e legitimados, havendo assim uma maior diversidade nos meios cultural e social. Preti (1987) afirma que, em todas as épocas, existiu a ligação entre a “língua literária” e a “realidade falada”, destacando que os sociolinguistas “não podem, nem devem, ignorar o papel da língua escrita e, particularmente, da língua literária sobre os hábitos linguísticos, modificando-os e contribuindo para sua natural evolução” (PRETI, 1987, p. 61 – grifos do autor).

Na mesma direção, Bortoni-Ricardo (2017) defende a importância do diálogo literário para os estudos de Sociolinguística, utilizando-se de excertos de obras literárias para exemplificar a relação entre a linguagem conferida às personagens por seus escritores e seus papéis sociais. Urbano (2000) afirma que, apesar de ocorrer o “aproveitamento da língua falada”, de forma mais ou menos intensa, em literaturas de todas as épocas, são poucos os estudos que contemplam essa perspectiva:

Apesar da importância que a questão deveria ter merecido da crítica, até mesmo por causa da atitude mais ou menos generalizada e crescente de muitos prosadores de porte, conhecemos poucos estudos que focalizam, de maneira específica, sistemática e profunda, esse aspecto da língua literária. (URBANO, 2000, p. 14)

O texto literário, então, constitui uma base e campo de estudo de investigação de níveis de linguagem tal como são representados em diálogos por seus escritores, fazendo-se necessário o subsídio e incentivo a pesquisas que realizam essa interface entre Linguística e Literatura.

¹⁹ Acerca da variação linguística em sala de aula e o contraste entre o repertório linguístico dos alunos e a norma culta presente nos textos escritos nos eventos de letramento em séries iniciais, sugerimos a leitura do capítulo três da obra “Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula” (BORTONI-RICARDO, 2004).

Para contribuir com este campo de interface, resgatamos os estudos pioneiros de Dino Preti (1987; 1999; 2004), em especial, o percurso trilhado pelo teórico em sua obra “Sociolinguística: os níveis de fala” (1987), de modo a incentivar e contribuir para o desenvolvimento de pesquisas dessa natureza: estudos que tomam o texto literário a partir da perspectiva sociolinguística e que podem ser tomados como objeto para o trabalho por profissionais da educação que busquem subsídios para trabalhar a variação linguística em salas de aula, como apregoa a BNCC.

2. Dino Preti e os pressupostos para uma análise sociolinguística do texto literário

Dino Fioravante Preti é referência no Brasil em estudos que tomam como corpus textos escritos, em especial, o texto literário. Suas postulações incentivam e influenciam pesquisas dessa natureza até os dias atuais.

A obra “Sociolinguística: os níveis de fala” originou-se de sua tese de doutorado, defendida em 1972. Publicada em livro, a sexta edição da obra é dividida em quatro partes, sendo as duas primeiras referentes a aspectos teóricos da variação linguística. No terceiro capítulo, Preti trata dos fatores que envolvem a reprodução escrita do diálogo em obras literárias e, no quarto, apresenta como se deu essa representação em obras da literatura brasileira. Estes dois últimos capítulos, em conjunto com outros dois textos do autor (PRETI, 1999; 2004), constituem-se como base para uma análise dos recursos linguísticos na representação de papéis sociais em textos literários e, portanto, servem de subsídio para futuras pesquisas dessa natureza.

2.1. A representação de variantes da fala na escrita literária

Ao pesquisador que busca no texto literário uma fonte de análise de variação linguística, é importante a compreensão de que embora remeta a aspectos da língua falada, o diálogo literário é submetido à adequação de padrões referentes à modalidade escrita formal da língua. Mesmo os escritores que buscam ao máximo trazer para suas obras uma maior representação da oralidade, fazem-no obedecendo a certos “limites” impostos pela língua escrita. Sobre isso, afirma Preti (1999):

Como constitui uma manifestação escrita, a linguagem literária tem afinidades maiores com essa modalidade de língua. Por mais que se pretenda

aproximá-la do fenômeno da oralidade, o escrito literário pressupõe uma elaboração por parte do escritor, ainda mesmo quando sua intenção seja a de aproximar o que escreve da naturalidade da fala. (PRETI, 1999, p. 218)

Dessa forma, embora busque representar aspectos da língua falada, o diálogo literário caracteriza-se por ser um diálogo criado, uma busca pela representação, e não pela reprodução exata de um ato de fala. Nesse sentido, Preti (1987) aponta três fatores que condicionam a reprodução de aspectos da língua falada no diálogo literário, sendo eles: (i) a ortografia; (ii) os elementos suprasegmentais; e (iii) a relação autor-personagens. Em relação à ortografia, o teórico afirma que esta trata-se de um

[...] sistema escrito, destinado a representar os signos sonoros numa língua. Como as reformas ortográficas são pouco frequentes, enquanto a evolução da fala é constante e natural, em todas as línguas ocorre uma defasagem entre os dois sistemas (o sonoro e o escrito). (PRETI, 1987, p. 66) (grifos do autor)

Sendo assim, a língua escrita em textos formais tende a ser mais conservadora que a língua falada, uma vez que suas transformações são bem mais lentas. Preti (1987) afirma que, se não feita de forma moderada pelo escritor, a representação da oralidade na escrita poderá resultar em uma dificuldade de compreensão por parte do leitor, podendo até mesmo causar seu afastamento:

Há, pois, uma tradição escrita que a própria sociedade se encarrega de conservar. Em consequência disso, as atitudes individuais de transcrição fonética de fala, na literatura, são recebidas com relativo desinteresse e sua originalidade serve apenas aos estudiosos. (PRETI, 1987, p. 67)

Ao observarmos tais postulações do teórico, podemos constatar que o escritor encontra-se, a todo tempo, diante da busca de um equilíbrio entre a utilização de variantes linguísticas na fala de suas personagens de modo a torná-las mais verossímeis, mas através de uma representação não exagerada e excessiva, que torne sua obra de difícil leitura. Por outro lado, Preti (2004) destaca também que a preocupação com a adequação da linguagem literária à norma culta da língua, muitas vezes resulta em

Uma perigosa coerência de linguagem da personagem, desconsiderando-se a situação de comunicação; o desencontro da presença de variantes linguísticas diferentes dentro de situações semelhantes; uma obediência cega aos preceitos gramaticais e à norma culta. (PRETI, 2004, p. 149)

Dessa forma, embora um bom texto literário seja composto por diálogos verossímeis que imprimem nas falas das personagens aspectos

sociais através da seleção das marcas linguísticas representativas dos grupos aos quais as personagens pertencem, constituindo-se como um interessante objeto de estudo, não devemos ignorar o fato de que o escritor tem sua escrita submetida a limites impostos pelas características esperadas por um texto escrito formal, que regem suas escolhas estilísticas ao elaborar os diálogos em sua obra: a ortografia constitui, então, uma limitação no que diz respeito à representação de aspectos característicos da fala.

Uma outra dificuldade elencada por Preti é a representação dos aspectos prosódicos ou elementos suprasegmentais. Os aspectos prosódicos dizem respeito ao ritmo, à entoação, à fluência que encontramos na língua falada, elementos que trazem expressividade a esta:

Para representá-los, a escrita possui apenas os sinais de pontuação, os diacríticos, as maiúsculas, a repetição de vogais, os espaços, o destaque de sílabas, os recursos tipográficos do negrito, do grifo, da caixa alta e baixa, todos eles insuficientes, apesar das variações originais de certos autores. (PRETI, 1987, p. 68)

Os elementos prosódicos são, então, aspectos oriundos da língua falada que oferecem uma limitação aos escritores que desejam representá-los, sendo insuficientes os recursos e adaptações desenvolvidas mesmo pelos escritores mais criativos, conforme apontado por Preti. Uma das maneiras de representar os aspectos prosódicos na escrita literária é através da ortografia fonética individual e da utilização de expressões de situação, que “Embora destituídas de um conteúdo lógico, ou sem função sintática precisa na estrutura da frase, traduzem, em geral, as mais diversas intenções do falante em relação ao ouvinte, no diálogo” (PRETI, 1987, p. 70). A terceira dificuldade diz respeito à relação autor-personagem. Acerca desta, afirma Preti:

Toda pesquisa sociolinguística baseada em textos literários enfrenta um problema sério, no levantamento da amostragem expressiva: o de determinar até que ponto pode o artista interferir, com seu estilo, seus hábitos linguísticos próprios, na linguagem das personagens que criou e a quem deu vida e relativa independência. (PRETI, 1987, p. 70)

Sendo assim, o diálogo literário sofre interferências não apenas em virtude das limitações ortográficas e de representação dos elementos suprasegmentais, sendo também marcado pelo estilo do escritor. Acerca deste, a corrente literária da qual o escritor faz parte muito influencia no tratamento que dará aos diálogos no texto, em relação à busca por uma representação linguística adequada à realidade que está a delinear em sua obra. Além disso, a “reprodução dos dialetos sociais e dos níveis de fala”

é feita de forma mais fiel quando “a linguagem da personagem é um dado a mais para o autor criar o painel social que nos quer mostrar” (PRETI, 1987, p. 72-3 – grifos do autor), o que revela também a questão da intenção do escritor e quais aspectos este deseja destacar em sua obra.

Os “dialetos sociais” são definidos por Preti como “qualquer variação de grupo na língua, de natureza geográfica ou cultural” (PRETI, 1987, p. 18). Em um eixo horizontal da língua, estão as variedades diatópicas (geográficas), que dizem respeito à linguagem urbana/linguagem rural. Em um eixo vertical, estão as variedades diastráticas (socioculturais), determinadas pelos aspectos sociais do falante ou do grupo ao que ele pertence, como a idade, sexo, raça (ou cultura), profissão, posição social, escolaridade e local onde reside na comunidade (como os bairros, por exemplo). Dentro desse escopo, Preti situa o “dialeto culto”, que mais se aproxima da norma-padrão e possui mais prestígio social, e o “dialeto popular”, que é mais afastado da gramática tradicional e possui menor prestígio.

Os “níveis de fala” ou “registros” são entendidos como a variação linguística decorrente de fatores situacionais, como a “ocasião, lugar e tempo” em que ocorre o ato de fala, bem como a relação entre o falante e o ouvinte e o tema do diálogo. O “nível de fala formal” é marcado por uma linguagem mais culta, ao passo que o “nível de fala coloquial”, por uma linguagem informal. Tal variação é também conceituada como variação estilística, “no sentido de que o usuário escolhe, de acordo com a situação, um estilo que julga conveniente para transmitir seu pensamento, em certas circunstâncias” (PRETI, 1987, p. 36).

Sendo assim, a ortografia, os elementos suprasegmentais e a relação autor-personagens enquanto aspectos que influenciam e/ou limitam a representação da fala em diálogos literários nos mostram previamente um desafio metodológico para a pesquisa sociolinguística que toma como corpus o texto literário. Embora estudos desta natureza busquem analisar a variação linguística, não se deve esquecer que, por se tratar de um texto literário, esta é representada de forma limitada e com fins específicos, de acordo com as escolhas estilísticas do escritor, não constituindo, portanto, uma situação de fala real, mas sim uma construção artificial, que se vale de algumas de marcas reais para a construção de personagens. A limitação se dá pelo monitoramento que o escritor realiza, selecionando formas linguísticas que lhes são salientes, por algum motivo, como a sua experiência prévia, e os valores sociais cultivados na comunidade.

Nessa perspectiva, Preti (2004) propõe passos metodológicos para a análise de diálogos literários através da fala das personagens, bem como da narração em primeira pessoa (ou de narradores-personagens), e também da interação verbal, sendo eles:

- 1 – Levantamento das variáveis socioculturais e psicológicas das personagens, informadas ao longo do texto pelo narrador ou pelas próprias personagens;
- 2 – Análise dessas variáveis linguísticas, dentro das situações de comunicação ocorridas durante a narrativa;
- 3 – Estudo da interação, com primazia para os elementos situacionais, fornecidos pelo narrador ou pelas personagens, observando o processo de footing, os esquemas de conhecimento, as estruturas de expectativa dos interlocutores, ao longo da narrativa. (PRETI, 2004, p. 149) (grifo nosso)

A observação dos aspectos socioculturais e psicológicos das personagens, bem como da situação em que ocorrem os diálogos, são imprescindíveis nesse tipo de análise, em que a variação linguística é tomada como foco. No entanto, a depender do corpus a ser estudado, há a chance de não ser possível encontrarmos disponíveis todos esses aspectos. Em se tratando de contos, por exemplo, tais aspectos nem sempre estarão disponíveis com tanta profundidade, uma vez que se trata de um gênero bem mais curto do que o romance. Daí a importância dos procedimentos metodológicos propostos por Dino Preti para a análise de grandes corpora, como o constituído por obras literárias de distintos momentos históricos brasileiros.

2.2. A representação da língua falada em obras literárias de diferentes épocas

Afirmando ser a prosa de costumes um rico campo de estudo de variação linguística, já que nela a linguagem seria um aspecto a mais na caracterização do ambiente, Preti (1987) realiza uma análise sociolinguística das escolhas estilísticas feitas por escritores das mais diversas épocas e escolas literárias – desde o romantismo até o modernismo –, descrevendo as soluções encontradas por cada um deles para trazer, em seus diálogos literários, nuances da língua falada.

Preti aplica uma metodologia que envolve delinear aspectos da época e escola literária da qual fazem parte os escritores, relacionando tais fatores ao fenômeno em observação. A obra de Manuel Joaquim de Macedo é a primeira a ser estudada, sendo o escritor considerado o fundador do romance de costumes no Brasil. Urbano afirma que “No Brasil,

o momento decisivo da ascensão da língua oral à categoria de literária parece estar situado na vigência da prosa romântica” (URBANO, 2000, p. 14). Dessa forma, é no Romantismo que se abrem as portas para o aproveitamento de alguns aspectos da língua falada, mesmo que de forma ainda “tímida”, no texto literário.

Através de trechos de diálogos de alguns dos romances de Macedo, Preti identifica aspectos característicos à época, tais como o tom de oratória, sendo tal arte bastante valorizada na cultura da época, marcada pelos encontros nos grandes salões e saraus:

Pela sua estrutura lógica, pelos seus períodos longos, pelo uso correto de subordinadas e intercaladas, poderíamos encarar esse diálogo como uma caricatura literária da realidade falada, que objetivaria transmitir aos leitores essa frivolidade, essa falsa polidez, esse refinamento que deveria ser o tom predominante daquelas conversas. (PRETI, 1987, p. 83)

Dessa forma, a literatura reflete aspectos da língua falada mesmo em obras mais conservadoras em relação ao tratamento da variação linguística, onde as escolhas estilísticas do escritor são realizadas em virtude do público ao qual sua escrita é destinada. Embora os escritores românticos tenham ousadamente rompido certas barreiras concernentes ao arcadismo, Preti destaca a norma culta como fator preponderante nos diálogos das personagens, cuja linguagem não recebe características próprias que correspondam a fatores extralinguísticos, em que, por exemplo, a fala de crianças de sete anos em nada se diferencia da linguagem das personagens adultas, sendo igualmente construída a partir de estruturas complexas, como no exemplo abaixo:

— Pois então, tornou-me ela, quando formos grandes, havemos de nos casar, sim?
— Oh!...pois bem!
— Havemos, continuou o lindo anjinho de sete anos, eu o quero... Olhe, o meu primo Juca me queria também, mas ainda ontem quebrou a minha mais bonita boneca... ora, o marido não deve quebrar as bonecas de sua mulher!... Eu quero, pois, me casar com o senhor, que há de apanhar bonitas conchinhas para mim...Além disso ele não tem como o senhor cabelos loiros nem a cor rosada... (MACEDO, s/d, p. 110 apud PRETI, 1987, p. 86)

No excerto de *A Moreninha*, a linguagem de uma menina de sete anos é representada de forma extremamente culta e complexa, sendo, portanto, inverossímil à uma situação de fala real, uma vez que no diálogo, formado por períodos complexos e concatenados, temos “estruturas inteiramente ausentes da linguagem da criança” (PRETI, 1987, p. 87). No entanto, Preti conclui que, a partir de um estilo concernente à norma

culta, Manuel Joaquim de Macedo cumpre sua função quanto ao seu público, a burguesia da época, sendo cauteloso quanto ao emprego de gírias e utilizando-se de “metáforas populares mais ingênuas” (PRETI, 1987, p. 91).

Preti analisa, também, três obras de José de Alencar, produzidas mais de vinte anos depois de Macedo. Embora sua narrativa também tivesse tendência às abstrações em semelhança ao primeiro escritor, Preti observa as estratégias que José de Alencar adotou na sua escrita para trazer maior dinamicidade nos diálogos, através das onomatopeias, expressões de situação típicas da época, termos populares e estruturas sintáticas que melhor se aproximavam do ritmo da língua falada:

O velho debulhou uma risadinha que lhe era particular.
— Hanhan! ... Então quer saber? Pois lá vai, não faço mistério, não me convinha que a pequena se deixasse iludir pelas lábias de um desses bigodinhos que lhe andam ao faro do dote. Então soube que ela outrora gostara do senhor; e como pelas informações que tinha me quadrava, fui procurá-lo. Agora o resto é por sua conta, maganão. (ALENCAR, [s/d], p. 164 *apud* PRETI, 1987, p. 97)

A fala da personagem Lemos, que esconde as verdadeiras intenções relacionadas à proposta de casamento que o jovem Seixas está a receber, configura-se como uma fala elaborada com maior naturalidade e menor complexidade, se comparada ao excerto anterior de “A moreninha”, contendo onomatopeias (“Hanhan!”), expressões de situação (“pois lá vai”) e termos populares, a exemplo de “maganão”, “bigodinhos” e “andar ao faro”. Preti conclui que José de Alencar faz “um aproveitamento inteligente dos dialetos sociais de sua época” e que, por estas e outras inovações, foi alvo de duras críticas (PRETI, 1987, p. 118 – grifo do autor).

Ainda dentro da esfera do romantismo, Preti analisa as novidades estilísticas adotadas por Manuel Antônio de Almeida em seu único romance, “Memórias de um sargento de milícias”, obra publicada inicialmente através de folhetins semanais de imprensa. Em virtude de seu formato inicial, a obra não possui “linguagem obscena”, mesmo se tratando de uma narrativa que possui brigas e agitações. Preti (1987) refere-se, como “linguagem obscena” ou “termos vulgares”, às expressões que denotam aspectos fisiológicos/sexuais e xingamentos trocados entre as personagens, como, por exemplo, os termos “fogo no rabo”, “galinha”, “va-

ca”, “filho da mãe”, “bode”, “porcaria”, “cornos”, “safado”, presentes em excertos que ele traz como exemplo no decorrer de sua análise²⁰.

A narrativa de Manuel Antônio de Almeida possui um estilo que se afasta, cada vez mais, da retórica dos salões. Os fatores situacionais exercem grande influência na linguagem, cuja representação faz uso, inclusive, de repetições e de reticências, para ilustrar a fala de uma personagem tímida prestes a declarar-se amorosamente: “— Pois então eu digo... a senhora não sabe... eu... eu lhe quero... muito bem” (ALMEIDA, 1952, p. 201 *apud* PRETI, 1987, p. 120). Esse trecho destacado por Preti como exemplo demonstra como o escritor da obra em análise faz uso dessas ferramentas para representar uma situação de fala real, na qual o locutor apresenta hesitação em virtude de fatores emocionais.

Percebidas essas evoluções ocorridas ainda durante o romantismo através destes três escritores, Preti considera em sua análise a obra regionalista *Inocência*, de Visconde de Taunay. Trata-se, aqui, de um estilo adotado pelo escritor de forma consciente, no que diz respeito ao retrato “mimético” da linguagem oriunda de comunidades afastadas da cidade e desconhecidas pelo leitor urbano, representada através de vocabulário, estruturas sintáticas e pronúncias típicas de um ambiente rural, assim como expressões locais, frases-feitas e provérbios. Além disso, Preti destaca também as comparações e metáforas presentes na linguagem, como no trecho trazido como exemplo pelo pesquisador:

“— Sabe o senhor que aquele Mochu é pior que um tigre preto?... Parece homem à-toa, um punha, incapaz de matar uma pulga, não é?... Pois aqui é uma alma danada... um sudutor...”. (TAUNAY, 1872, p. 170 *apud* PRETI, 1987, p. 135) (grifos do autor)

Nesse excerto, podemos perceber alguns desses elementos, como as representações fonológicas através de uma ortografia fonética individual (“Mochu” e “sudutor”), as reticências como forma de representar o ritmo da fala, e as metáforas e comparações. Em relação às metáforas e comparações observadas na obra, Preti destaca o fato de que estas não são construções artificiais, mas expressões condizentes com a realidade das personagens. De modo semelhante, as expressões metafóricas e representações de realizações fonológicas da língua falada são aspectos também passíveis de serem observados em obras literárias da atualidade,

²⁰ Nessa perspectiva, em nossa dissertação de mestrado, que está em andamento e tem por título “A construção da identidade itabaianense por meio de pistas linguísticas em *Feijão de Cego*”, analisamos os palavrões em contos da obra de Vladimir Souza Carvalho, observando como o escritor faz uso de tais marcas linguísticas como ferramenta de construção de personas sociais, e, dessa forma, construindo a identidade do itabaianense.

sobretudo as regionalistas, constituindo um interessante (porém pouco explorado) objeto de pesquisa no campo da Sociolinguística.

Ainda sobre o romance *Inocência*, Preti destaca que este é repleto de notas explicativas de rodapé acerca dos significados dos vocábulos utilizados, o que, para a obra enquanto romance, seria um “pecado estilístico” – já que isso evidenciou um forte contraste entre a linguagem do narrador e das personagens –, mas uma ferramenta bastante útil aos estudiosos da língua (PRETI, 1987, p. 127). Esse contraste entre a linguagem das personagens e a do narrador, onde marcas da língua falada referentes a um dialeto popular permeiam apenas a fala daquelas em detrimento da linguagem deste, é definido pelo teórico como um problema, que seria solucionado por escritores posteriores²¹.

Em seguida, Preti parte para a observação da representação literária da língua falada no realismo-naturalismo, caracterizando brevemente essa época a partir de aspectos políticos e sociais, entre os quais se destaca o contraste entre a realidade europeia e a brasileira, sendo esta ainda de cultura purista, escravocrata e rural, sobre a qual reformas como a abolição da escravatura e o surgimento da república desencadearam em um movimento ainda mais tradicionalizante: “Na literatura, pontificou o vernaculismo, a supremacia dos modelos clássicos portugueses, o desdém pela língua falada, a ausência de novas atitudes renovadoras e corajosas como as de Alencar, na década anterior” (PRETI, 1987, p. 143).

É nesse contexto que surge Machado de Assis, cuja obra, sendo mais do que “um mero romance de costumes”, constituía uma “prosa de análise psicológica” com menos ocorrência transcrição do dialeto popular e ocorria através de um discurso indireto e/ou indireto livre. A escolha estilística desse escritor é também associada por Preti ao seu posicionamento ideológico diante de um ideal de pureza da linguagem, que em seu ensaio *Instinto de nacionalidade* (1962), admite as mudanças na língua, mas afirma recusar-se a considerá-las todas em suas obras, destacando o papel do escritor em influenciar e “depurar” a linguagem.

Aluizio Azevedo foi também um escritor realista-naturalista a ser analisado por Preti, caracterizado por sua inclinação ao retrato/caricatura social. O teórico afirma que o dialeto social, cuidadosamente representado, quase sempre foi impresso à linguagem das personagens, sendo a linguagem do narrador marcada pela norma culta, escolha estilística que

²¹ Mais especificamente, no regionalismo pré-modernista de Simões Lopes Neto, que é também analisado por Preti (1987).

poderia ser explicada diante da forte tendência vernaculista da época. De forma semelhante a alguns de seus precursores, Aluísio de Azevedo representou, de forma até documental, o dialeto social dos grupos, baseando-se nas constantes observações e documentações que fazia destes, atentando-se à linguagem cotidiana e falada de seu tempo. Preti aponta, também, a presença de “linguagem obscena”, como nesse trecho de “O Cortiço” (1890), tomado como um dos exemplos: “— Aquela não indireita mais!... Cada vez fica até mais assanhada!... Parece que tem fogo no rabo!” (AZEVEDO, 1980, p. 126 *apud* PRETI, 1987, p. 158).

É possível identificarmos como o escritor faz uso de uma ortografia fonética individual para representar marcas da língua falada (como em “indireita”), além de termos que fogem à norma culta da língua, a exemplo de “assanhada” e “fogo no rabo”, que dizem respeito a expressões coloquiais e cotidianas (em uso até nos dias atuais), referentes a aspectos sexuais. As escolhas estilísticas de Azevedo condizem com seu aspecto de “pintor de multidões anônimas ou de grupos comunitários” em detrimento de uma caracterização psicológica (PRETI, 1987, p. 160).

Após o realismo-naturalismo, Preti volta sua análise para o pré-modernismo, através do escritor Lima Barreto. A obra deste escritor emerge em uma época em que as influências europeias, em especial francesas, permeavam a cultura dos centros urbanos e se posiciona contra o conservadorismo vigente, que era expressivo na literatura através da admiração ao vernaculismo. Posicionando-se contra tal vertente, Lima Barreto adota um tom crítico em suas obras, sobretudo através de personagens como, por exemplo, Lobo, um velho gramático obcecado por corrigir e regulamentar a gramática e que acaba por enlouquecer e ser internado em um hospício. Preti aponta que, além de características de representação da oralidade nos diálogos já presentes em escritores anteriores, o que mais se destacaria da literatura de Lima Barreto seria seu posicionamento contrário aos puristas conservadores da época.

O regionalismo pré-modernista foi analisado através das obras de Simões Lopes Neto que, assim como Lima Barreto e outros escritores pré-modernistas, adotara uma posição contrária à concepção “purista” da língua vigente na época. Simões Lopes Neto, em *Os Contos gauchescos* (1912) apresenta uma solução para o problema do contraste entre o nível culto do escritor e o dialeto social das personagens: confere às personagens a narração da história.

A narração “desvinculada” da norma culta do escritor, além de delinear aspectos históricos como a influência castelhana que influenciava a

fala da região na época, é permeada por frases-feitas, truncamentos frásicos, processos redundantes, expressões de situação, dentre outras marcas de oralidade: “Não bulia uma folha; o silêncio, nas sombras do arvoredo, metia respeito... que medo, não, que não entra em peito de gaúcho” (LOPES NETO, 1961 *apud* PRETI, 1987, p. 193). Temos aqui usos linguísticos referentes a uma linguagem regional, a exemplo de “bulia”, bem como as repetições de negativas, e as reticências, que refletem a naturalidade da fala. Em Simões Lopes Neto, o dialeto popular não fica restrito à fala das personagens em detrimento de uma narração permeada pela norma culta, trazendo maior naturalidade à narrativa.

Essa autenticidade de Simões Lopes Neto e alguns outros escritores regionalistas da época, segundo Preti, abriram caminho para o estilo que seria empregado no modernismo, movimento marcado, além do fortalecimento do combate ao “purismo” da língua, pela

Revalorização da província, pesquisa de seus costumes e tipos característicos; estudos mais objetivos de nossa formação étnica, com plena reabilitação do negro e do índio; incorporação da cultura do imigrante; renovação estética; pesquisa de nossas raízes culturais; atualização consciente da inteligência brasileira, em todos os campos. (PRETI, 1987, p. 197)

Nessa perspectiva, Alcântara Machado é tomado como exemplo dessa nova estética literária, caracterizada pela representação, através da pontuação, das interrupções e pausas típicas da fala, bem como a ausência de longas frases, a presença da ortografia fonética individual e outros recursos para representar, nos diálogos, os momentos nos quais se alongam as sílabas e se elevam o tom das vozes; a presença da gíria e do vocabulário obscuro e também as marcas linguísticas regionais e de imigrantes.

Acerca da “gíria”, esta é definida por Preti (2004) como “um vocabulário de grupos sociais restritos, cujo comportamento se afasta da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade”. Como exemplo de grupos inusitados, Preti apresenta “os grupos jovens ligados à música, à dança, às diversões, aos esportes, aos pontos de encontro nos shoppings, à universidade, etc.”, e, como conflituosos, “os grupos comprometidos com as drogas e o tráfico, com a prostituição, com o roubo e o crime, com o contrabando, com o ambiente das prisões, etc.” (PRETI, 2004, p. 66 – grifo do autor). Quando essas gírias de grupos restritos tornam-se conhecidas e utilizadas fora dos grupos, sendo “parte do vocabulário popular”, passam de “gíria de grupo” à “gíria comum”. Observemos o excerto selecionado por Preti para exemplificar a nova estética referente à literatura modernista:

(Famílias distintas. Não tem nada de mais. As filhas de dona Ernestina iam. E eram filhas de vereador. Aí está. Só se o Crispiniano for também. Por nada deste mundo. Ora essa é muito boa. Pai malvado. Não faltava mais nada. Falta de couro isso sim. Meninas sem juízo. Tempos de hoje. Meninas sapecas. O mundo não acaba amanhã. Antigamente — hein, Sinhara? — antigamente não era assim. Tratem de casar primeiro. Afinal de contas não há mal nenhum. Aproveitar a mocidade. Sair antes do fim. É o último dia também. Olhe o remorso mais tarde. Toda gente se diverte. São tantas as tristezas da vida. Bom. Mas que seja pela primeira e última vez. Que gozo). (MACHADO, 1944, p. 163-164 *apud* PRETI, 1987, p. 203)

O excerto reporta uma discussão entre filhas e seus pais, na qual duas irmãs defendem-se quanto a ir a um baile de carnaval, e neles podemos perceber a não separação de falas, que ocorrem de forma simultânea como o seria em uma situação real de fala. Preti destaca que, por estar desenvolvendo-se contemporaneamente ao cinema, as falas simultâneas são também uma nova característica empregada aos diálogos modernistas. Notam-se traços como os parênteses e o discurso indireto livre em combinação com discurso direto, nos quais observam-se, também, “argumentos vulgares” e “clichês”, e expressões como “falta de couro”, “meninas sapecas”, e “que gozo”. Preti destaca que a linguagem do Modernismo vai além dos limites de sua pesquisa, apontando que os aspectos mencionados em sua pesquisa se solidificariam de forma mais natural nas próximas gerações, “despojadas dos excessos de 22”.

A análise de Preti percorreu, portanto, os primeiros passos de uma literatura tipicamente brasileira, no romantismo, passando o regionalismo, o realismo-naturalismo, o pré-modernismo (e seu regionalismo) e, por fim, os primeiros passos da literatura modernista, sempre em busca do uso das marcas linguísticas para a constituição de estilos e de personagens. Sua metodologia envolveu análise e descrição qualitativa, de modo a apresentar o percurso evolutivo da representação de aspectos da fala no diálogo literário, através da citação e da análise subjetiva dos diálogos.

Os resultados de sua pesquisa historiográfica nos possibilitam compreender o percurso evolutivo no qual, em maior ou menor escala, variantes da língua falada são transpostas para o texto literário. Tomando tais resultados como base inicial, estudos posteriores que tomem como corpora obras escritas e/ou literárias podem trilhar livremente novos caminhos metodológicos em virtude de seus objetivos traçados e da natureza de seu objeto de estudo, a exemplo de Correia (2014), que dedicou-se apenas a uma obra literária, sendo ela o romance autobiográfico *História da Minha Infância*, de Gilberto Amado, observando como o escritor atri-

bui variáveis fonéticas e morfossintáticas às falas de suas personagens e, com isso, evidencia seus papéis sociais; ou Generali (2011), que tomou corpora orais e escritos, sendo eles referentes a um documentário produzido pelo rapper MV BILL acerca dos Falcões – jovens ligados ao tráfico – e sua adaptação para obras literárias, observando, entre outros aspectos, marcas linguísticas específicas que foram mantidas na atividade de transposição das falas dos participantes do documentário para as obras literárias que dele se originaram, e como tais traços da oralidade evidenciam os papéis sociais.

Em uma mesma perspectiva, na pesquisa “A construção da identidade itabaianense por meio de pistas linguísticas em *Feijão de Cego*”, dissertação de mestrado que encontra-se em andamento, tomamos como corpora a versão manuscrita e a versão publicada do livro de contos de Vladimir Souza Carvalho e observamos, através da comparação entre uma escrita mais e menos monitorada, como o escritor faz de marcas linguísticas (palavrões) ferramentas para a construção de personas sociais²² na obra e, dessa forma, constrói a identidade de um grupo social.

Pesquisas sociolinguísticas que se debruçam sobre o texto literário possuem uma grande abrangência metodológica e várias possibilidades de aplicação em diferentes corpora. Os primeiros passos dados por Dino Preti e seus conceitos acerca da relação entre a variação linguística e o texto literário se constituem como importante base para o desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas em textos literários.

3. Conclusão

Em nosso estudo, reunimos os principais conceitos e postulações pretianas que tratam da abordagem sociolinguística sobre o texto literário e abordamos também os resultados de sua pesquisa realizada com obras literárias desde o Romantismo até o Modernismo. Tais pressupostos são de grande importância e relevância pois demonstram as diferentes nuances que envolvem a representação de variantes da língua falada no texto escrito e/ou literário, sendo de consulta indispensável a pesquisadores que objetivam trilhar esse caminho de pesquisa.

²² Personas sociais são entendidas como a imagem projetada pelo falante no intuito de influenciar como o outro interpreta suas ações (Eckert, 2012). No texto literário, as personas sociais são construídas a partir de escolhas estilísticas realizadas por um escritor, que faz uso de marcas linguísticas como ferramentas para a representação de papéis e/ou grupos sociais.

Como vimos, a metodologia empregada por Dino Preti (1987) foi desenvolvida para sua finalidade específica: observar, de forma panorâmica e geral, a forma como a variação linguística foi trabalhada em obras literárias de diferentes épocas. Pesquisas posteriores podem, no entanto, fazer uso de distintos métodos de análise, de acordo com seus objetivos e natureza dos corpora, a exemplo de nossa pesquisa em andamento e dos estudos de Correia (2014) e Generali (2011), apresentados na seção 2.2.

Os pressupostos de Preti (1987; 1999; 2004), tal como sistematizados neste texto, configuram-se como subsídios iniciais para estudos de variação linguística em textos literários, de modo a incentivar e contribuir para o desenvolvimento de pesquisas dessa natureza. Além disso, a sistematização apresentada pode fornecer subsídios teórico-metodológicos para trabalhar a variação linguística na sala de aula, como apregoa a BNCC. Gorski e Freitag (2013) sugerem que se realizem atividades de

- análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas;
- levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes. (GORSKI; FREITAG, 2013, p. 46)

Com isso, podemos expandir o uso de obras literárias na educação básica para além do conhecimento literário, seguindo a proposta pioneira de Dino Preti (1987; 1999; 2004), que permite que se implementem atividades de identificação de fenômenos de variação linguística, em diferentes níveis (lexical, fonológico, morfossintático, discursivo), usadas na construção e representação de grupos sociais, como apregoam Gorski e Freitag (2013).

Assim, reiteramos a importância de estudos que tomam o texto literário a partir da perspectiva sociolinguística e que podem ser tomados como orientação para trabalhar a variação linguística na sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

CORREIA, Fernanda Bispo. *A literatura como fonte de dados: um olhar sociolinguístico sobre a obra História da Minha Infância*, de Gilberto Amado. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Letras, São Cristóvão-SE. 2014. 127p.

ECKERT, Penelope. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*. n. 41, p. 87-100. Palo Alto, 2012. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>. Acesso em: 07 ago. 2022

GENERALI, Sabrina Cancoro. *MV Bill e o diálogo do tráfico: monitoramento de fala, estilo, identidade e preconceito linguísticos*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Programa de Pós-Graduação em Letras. São Cristóvão-SE, 2011. 170f.

GÖRSKI, Edair Maria; FREITAG, Raquel Meister Ko. O papel da sociolinguística na formação dos professores de língua portuguesa como língua materna. In: MARTINS, M.A.; TAVARES, M.A. (Orgs). *Contribuições da Sociolinguística e da Linguística histórica para o ensino de língua portuguesa*. Natal: EdUFRN, 2013. p. 11-52

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo: Nacional, 1987.

_____. A língua falada e o diálogo literário. In: _____. *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 215-228

_____. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2004.

URBANO, Hudinilson. *Oralidade na literatura: o caso Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000.